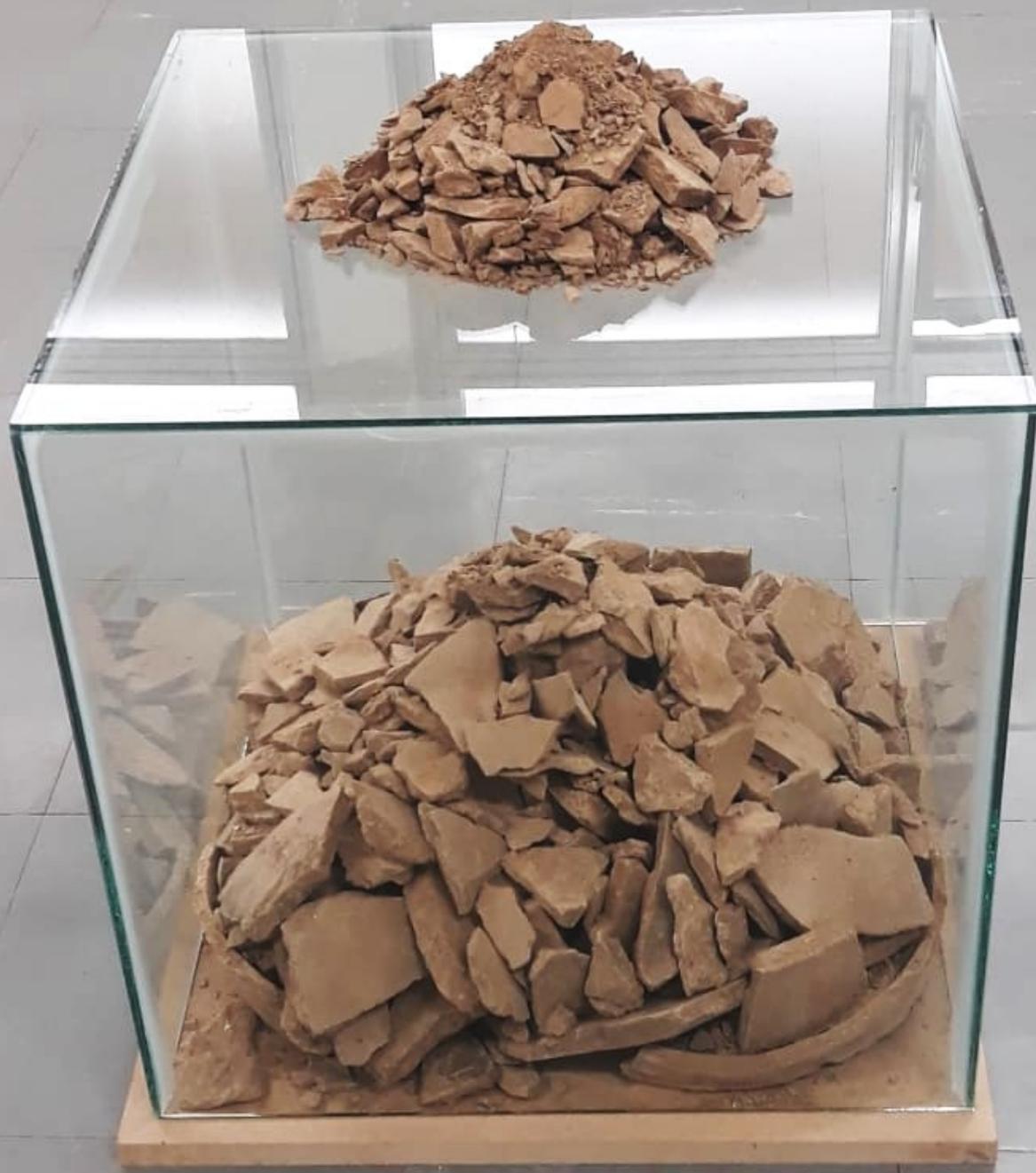


“DO BARRO AO PÓ”:

Religiosidade e ancestralidade em uma poética visual



DANDARA BUZZATTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE ARTES VISUAIS

“Do BARRO AO PÓ”:

Religiosidade e ancestralidade em uma poética visual

DANDARA BEATRIZ TOMAZ GALANTE BUZZATTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção do título de Licenciada e Bacharel em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fábio Purper Machado

Prof. Carlos Henrique De Araújo

Profa. Dra. Tamiris Vaz

UBERLÂNDIA-MG

2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
BIOGRAFIA.....	7
REFERÊNCIAS RELIGIOSAS	8
ARTE RELIGIOSA E ARTE SACRA	13
MEU PROCESSO CRIATIVO	15
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO TRABALHO	16
Trabalhos anteriores	17
Obras expostas: escultura “O Beijo” e gravuras “Templo” e “Árvore”	17
Estudos escultóricos “Caminhantes”, “Reflexo de Cristo” e um certo vaso	23
REFERENCIAIS EM OUTROS VASOS QUEBRADOS	28
“DO BARRO AO PÓ”	32
BIBLIOGRAFIA	48

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram neste percurso, principalmente Deus, que me guiou por diversas provas e sempre me levou em seus braços, que me consolou em momentos atribulados da minha vida e nesta realização de monografia. Agradeço ao apoio incondicional dos amigos dentro do curso que levarei para vida toda, a turma dos cinco.

Agradeço também ao meu querido orientador Prof. Dr. Fábio Purper Machado que aceitou o desafio de me acompanhar ao longo dessa trajetória, que me deixou livre para que eu encontrasse minha poética e que me apoiou em todas as minhas decisões. Ele foi fundamental nesta grande conquista acadêmica, agradeço imensamente por ele. E a todos os professores da minha banca que aceitaram participar deste momento de transição.

Aos meus queridos Pais por me amarem e torcerem sempre por mim, também a minha Avó que aceitou participar de bom grado dessa empreitada.

À UFU por me destruir para me ajudar a ser maior. Ao corpo docente do curso de Artes Visuais por serem meus mestres.

Não poderia deixar de agradecer ao meu grande amor André Nunes Buzzatto, que esteve presente em todos os momentos e em todos os lugares, me ajudando e apoiando em todas as diversas e indefinidas decisões da minha vida enquanto estivemos juntos, sempre me manteve motivada. Você foi o maior milagre que aconteceu na minha vida e agradeço imensamente a Deus por me presentear contigo. Foi você que me ajudou a levantar quando eu caía, você que estava comigo quando não tinha ninguém e me sentia só. Você que estava perto quando tinha dificuldades na vida acadêmica e na vida real. E mesmo me ajudando amadurecer e crescer como pessoa. Não estou elogiando tanto por ser o meu amado, mas sim pela excelente pessoa que ele é em si, sempre querendo ajudar o seu próximo e querendo o melhor das pessoas. E por isso que eu o amo tanto. Obrigado por me acompanhar nesta trajetória de vida. Te amo eternamente.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais trata de uma poética visual sobre ancestralidade e religiosidade. Nele é descrita uma produção artística que culminou com a produção da instalação “Do Barro ao Pó”. O tema é discutido juntamente com minha poética e biografia, assim como o relato de meu processo de criação. A finalização da discussão sobre a poética, a biografia e os temas são representados em minha obra que foi exposta e é comentada ao longo do texto.

Palavras-chave: Religiosidade, ancestralidade, processo criativo, poética visual

ABSTRACT

This Final Work to the Course of Visual Arts emphasizes a visual poetics about ancestry and religiosity. It describes an artistic production that culminated in the installation "Do Barro ao Pó" (From Clay to Dust). The subject is discussed together with my poetics and biography and a report on my process of creation. The conclusion of the discussion about these poetics, biography and themes are represented in my work that was exposed and is commented throughout the text.

Keyword: Religiosity, ancestry, creative process, visual poetics

INTRODUÇÃO

No percurso de um trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, descrevo minha biografia, o meu processo de criação e o resultado da minha obra final para o curso, abordando questões como ancestralidade, religiosidade e a própria mortalidade, em um contexto artístico conceitual. Trago um olhar artístico dedicado a estas questões, exercitando-o nos âmbitos do sensível, do reflexivo e do crítico. Ao pensar de forma transcendental, voltada para o meu dogma, a minha ancestralidade, e crença, apresento experiências pessoais, cotidianas, intrínsecas em minhas lembranças e do meu imaginário, e aqui trazidas à tona. E as mudanças ocorridas no meu processo criativo a partir de reflexões e conhecimentos adquiridos durante o processo.

Este trabalho descreve a minha poética visual, além de relatar a minha exposição “Do Barro ao Pó”. A descrição das obras e dos métodos objetiva dar materialidade e descritividade a minha poética. Abordo nele questões que estão presentes no meu cotidiano, ou pelo menos em minhas reflexões como artista visual. Relato meus processos de criação dentro do curso de arte visuais, as transformações, os conceitos e conversões da minha própria poética. Assim crio uma poética visual de todo o meu trabalho e suas ligações, suas narrativas. Todos estes processos acabaram me ajudando a me autoconhecer como artista e como pessoa, me mostrando as possibilidades e alternativas que encontro no meu cotidiano e transformando em arte.

Relato todo o meu processo de término de curso realizando uma obra que remete a todas as questões que foram faladas. “Do Barro ao Pó” foi a obra que considerei mais significativa dentro deste percurso, sendo resultado de várias reflexões, transformações e metodologias que optei para sua construção.

BIOGRAFIA

Começo este trabalho falando sobre mim, da minha história. Quero explicar por que estou escrevendo minha biografia em um trabalho de conclusão de curso. Para isso preciso falar um pouco sobre meu envolvimento com o assunto desse trabalho, e por que escolhi fazer dessa forma minha obra. Explicarei um pouco sobre todos os processos que percorri.

Nasci dia 28 de novembro de 1994, em Uberaba-MG, uma cidade conhecida mundialmente por sua crença espírita. Sempre tive uma vida ativa espiritualmente. Sempre participei de movimentos que envolviam a crença, por influência dos meus pais, do local onde eu vivia e pela cultura local. Percebo a religiosidade como uma questão de cultura social. Logo depois que nasci meus pais me levaram para o campo. Eles participavam do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, importante ativismo político e social brasileiro. Meus pais lutaram muito pela causa e ajudaram muitas famílias a conseguir um “pedaço de chão” para plantar e produzir seu próprio sustento. As famílias que meus pais ajudaram eram pessoas socialmente muito carentes, que vieram de uma origem muito humilde, a maioria deles era analfabeta, correndo atrás dos seus próprios sustentos. Vários depositaram suas esperanças e sua fé em um possível pedaço de chão.

Essas pessoas acreditavam muito na benevolência de um Deus. Num ambiente de extrema precariedade, apegaram-se à religiosidade como uma tábua de salvação. A religiosidade era não somente uma forma de encontro com o divino, mas também havia um significado cultural e social que completava a vida dos entes daquela comunidade, preenchendo as lacunas de carência e da exclusão social que os tornavam marginalizados pelos olhos da sociedade.

A convivência com distintas pessoas com passados tão diferentes me tornou culturalmente eclética e com uma visão amplificada de coletividade e de trabalho conjunto visando o bem comum.

Em parte de meu processo criativo trabalho a respeito da ancestralidade. Em todos nós é presente de diversas formas o nosso sistema de origem. Eu o vejo em

mim, minha irmã, meu pai, minha mãe, meus avós, meus bisavôs e todos que sem perceber fizeram parte de minha criação como ser e como artista. Pensando em de certo modo representar isso, gravei uma entrevista com minha avó para buscar minha ancestralidade e para essa entrevista ser parte da experiência artística central neste texto, a instalação “Do Barro ao Pó”.

REFERÊNCIAS RELIGIOSAS

Para a melhor compreensão de quem sou e de muitas de minhas escolhas, faz-se necessário realizar uma avaliação das referências religiosas que influenciaram meu processo, minha visão de mundo. Do mesmo modo que nos relata Ana Lisboa (2019), a religiosidade está sempre

presente, consciente ou inconscientemente, na arte que realizo. Em algumas obras ela se apresenta de modo explícito, em total visibilidade, enquanto em outras sua presença é mais sutil, através de símbolos, mensagens e conexões inconscientes (p. 115).

Nasci e cresci dentro de uma crença cristã, e isso influenciou meu trabalho. Trago comigo sempre lembranças das igrejas, atividades religiosas, festas na comunidade, como *Festas de Santos Reis* e muitas outras.

Festas e rituais religiosos são realizados nos municípios em homenagem aos seus santos padroeiros e aos santos de devoção tradicional com origens históricas, como é o caso das festas realizadas em cidades mineiras com origem nas irmandades surgidas no século 18. Nessas festas, a comunidade faz suas homenagens aos santos com levantamento de mastros, pagamento de promessas e outras manifestações culturais típicas regionais, que incluem a ornamentação, a mesa farta para os convidados, jogos e artesanatos comercializados nas barraquinhas, leilões, danças, apresentações musicais, espetáculos pirotécnicos, etc. (Descubra Minas, 2019)

Recordo-me dos folclores e superstições em relação a santos e promessas que eram feitas e cumpridas. Isso se tornou muito forte nos meus pensamentos, no meu imaginário. Uma fonte de criação em meus processos artísticos, em que sempre relembro algo com a religiosidade, não como uma coisa rigorosa, mas sim

prazerosa e até engraçada em alguns pontos de vista. E tento em meus trabalhos trazer essa transcendência cristã, respeitosamente, com um pouco de crítica e contemporaneidade.

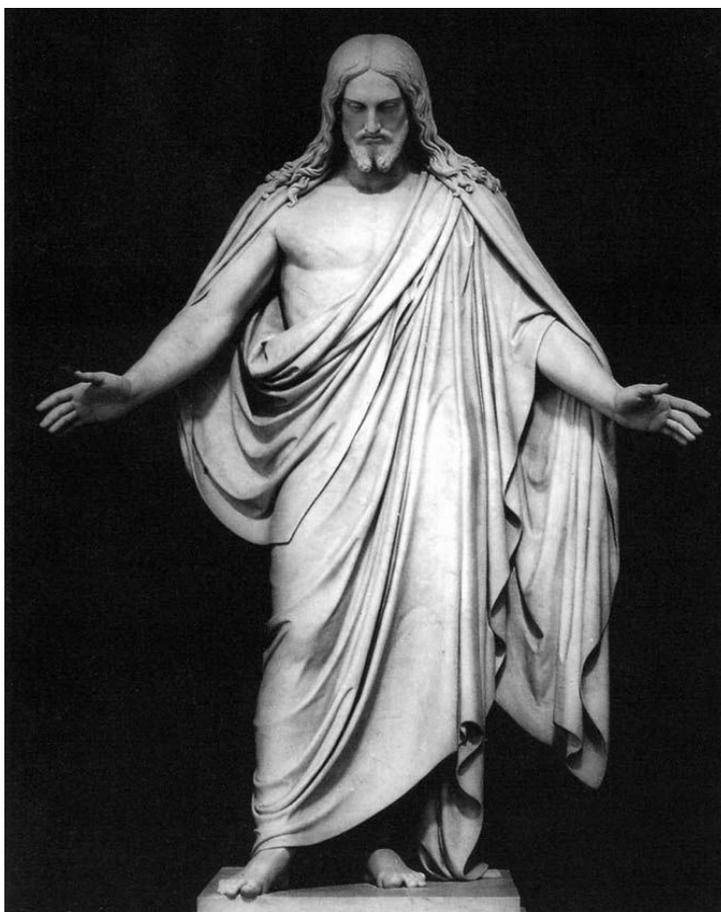
São exemplos dessas festas as de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Abadia, do Divino Espírito Santo, Santo Antônio e outros, que acontecem em diversos municípios mineiros. Nessas festas, cada comunidade exalta sua memória histórica, seus valores, suas características e usa modos peculiares de se manifestar e de receber os visitantes. A literatura sobre este assunto, entretanto, muitas vezes comete equívocos quando a festa e o ritual são religiosos. Guardas de Congado, autênticas manifestações folclóricas, têm constante atuação. Convém lembrar, ainda, que as festas e rituais religiosos do Candomblé e da Umbanda, por discriminação, preconceito, ou até por ignorância, são consideradas pelos espectadores simples manifestações folclóricas. (Descubra Minas, 2019)



Festa de Santos Reis. Fonte: arquiocesedeuberaba.org.br.

Por minha opção e escolha pessoal aos 14 anos me batizei na A Igreja De Jesus Cristo Dos Santos Dos Últimos Dias. O presente trabalho não trata propriamente de religião, mas ela é parte de quem eu sou. Através desse caminho aprendi mais sobre Cristo e decidi que gostaria de representá-lo de algum modo, assim como fazer referências aos templos construídos com o objetivo de unir as famílias para sempre. Também tive contato com diversas obras para pesquisar

sobre Cristo, como por exemplo o Christus, de Bertel Thorvaldsen (Copenhague, 1770-1848), também conhecido como Cristo Consolador. Uma estátua de mármore de Carrara do século XIX do Jesus ressuscitado.



Bertel Thorvaldsen. *Christus*, 1770-1848, mármore. Museum Thorvaldsen, Copenhagen

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Assim como trago minhas referências religiosas também trago minhas referências artísticas. Sempre tive vários períodos e movimentos que influenciavam o meu trabalho. Todos esses movimentos, na minha concepção, fizeram-me crescer como artista e sentir-me mais completa, e com uma maior quantidade de

informações e referências a mente se expande e pode ser mais criativa. Eles me ajudaram a entender mais a Arte, me aproximando dela.

Ler, interpretar e criticar o que acontece seu redor e transformar isso em conteúdo artístico, como em Duchamp, Manzoni, Denis Pertenson, que, com muita ironia e sarcasmo, transcendem a arte e o que a envolve.

Para mim isto é arte contemporânea.

Um dos artistas que se relacionam com o meu trabalho e meu processo artístico é Antônio Obá (nascido em Ceilândia, 1983, vive e trabalha em Taguatinga, DF):

Antônio Obá aborda em suas obras aspectos culturais relativos ao preconceito étnico, à religiosidade, erotismo, memórias familiares e como tais fatores sociais, constroem e desconstroem o corpo dos indivíduos. Desenhos, pinturas, objetos, instalações. (Carbono Galeria, 2019).

Obá, através de suas obras visuais, trabalha de modo a transmitir a sua visão da realidade. Utiliza de ícones religiosos para realizar críticas e fazer uma análise da cultura brasileira, principalmente a cultura negra e a derivada da mestiçagem. Ele se expõe, não só pela sua nudez em algumas obras, mas por expor a si mesmo, não sua carne, mas o seu verdadeiro eu. Os artistas que trabalham a religiosidade trazem experiências pessoais, suas ou de outrem, pois a crença não deve ser fingida ou ensaiada, deve partir de si.

Eu já pensava em obras que tratassem de uma volta à casa, às tradições familiares e nacionais que, de certo modo, me formaram; um regresso que tinha a ver com a afetividade. Minha família sempre foi muito católica; fiz parte, conheci e entrei em contato com ritos interioranos: quermesses, romarias, folia de reis... (OBÁ apud PRADO, 2017)

Ao relacionar a obra “Ato da Transfiguração – Receita de Como Fazer um Santo”, com a devoção que minha avó demonstra nas já citadas gravações. Podemos verificar que ambos têm uma visão totalmente oposta, para ela a Santa mistura-se até com a figura de Deus, e para ele a santa é um misto de apropriação cultural e enganação. Mas ambos através de sua arte transmitem sua crença pessoal que pode ser vista mais do que uma opinião, minha avó sobre a divindade da Santa enquanto Obá trata sobre a utilização da religião Cristã como ferramenta

de dominação a ponto de transformar a mãe de Jesus em Negra, todavia ele utiliza em sua performance de elementos que se referenciam nas religiões africanas.

Ao utilizar a frase “A arte não existe para reproduzir o visível, mas para tornar visível o que está além”, Paul Klee (1914) expressava o que busco de certo modo representar com minha arte. A sua obra *Angelus Novus* também é diretamente um referencial para a expressão religiosa. Um artista não precisa se dedicar a somente um campo ou movimento artístico, logo diversos artistas têm poucas ou apenas uma obra que se qualificaria como arte sacra ou religiosa.



Paul Klee. *Angelus Novus*, 1920, nanquim e óleo sobre papel, 31,8 x 24,2 cm. Museu de Israel.
Fonte: www.historiadasartes.com.

ARTE RELIGIOSA E ARTE SACRA

A “arte sacra” é aquela arte feita para a religião, que tem um destino de liturgia, isto é, o culto divino. A “arte sacra” fomenta a vida litúrgica nos fiéis, conduzindo a uma atitude religiosa, ao culto divino. Por exemplo, o artista que cria esculturas de santos, para altares de igrejas, está produzindo arte sacra, pois sua obra será foco de adoração nos cultos divinos.

A “arte religiosa” é aquela que reflete a vida religiosa do artista. A doutrina de uma determinada religião tende a produzir no ser humano virtudes ou valores, como o amor, a submissão, a fé, a esperança e, sobretudo, a adoração a Deus. A “arte religiosa” mantém os valores da religião retratada, mas não é destinada a realização do culto divino.” (Portal São Francisco, 2016)

Arte sacra é a arte diretamente ligada à liturgia, sendo até parte da cerimônia religiosa. Podemos citar como exemplo os orixás feitos de barro que em meio a sessão das religiões africanas são como se fossem o próprio Orixá. A arte Sacra tem a função de tornar mais atrativas as reuniões aproximando o povo a sua divindade. A arte Religiosa pode ter o viés de representação, mas não de adoração. O artista tem uma ligação com o Divino, entretanto não quer que sua obra seja “adorada”. Nesse contexto o artista age centrando sua obra nas expressões de fé, no cotidiano de fiéis, nos grupos e congregações e até na representação direta de seu(s) Deus(es), contudo não objetiva que sua obra seja parte de culto. Ambas têm funções diferentes, mas não são antagônicas e mesmo longe de seu auge em número de artistas, são movimentos que sempre terão artistas e público alvo.

No contexto ocidental, a religião já determinou o que era Arte e como ou o que os artistas podem representar, mas vivemos em um tempo onde ela não é mais o centro das relações e das decisões humanas. A arte era a maior ferramenta de conversão às fés dominantes em um tempo onde poucos sabiam ler e mesmo aqueles que tinham tal conhecimento tinham acesso a um restrito e parco material. Todavia todos podiam ver imagens finamente detalhadas ou esculturas imponentes que atraíam o olhar atento de diversos fiéis - as obras deixavam de se tornar a representação e se tornavam um contato com o próprio “Deus”.

A arte e a religião tiveram um casamento forte até o barroco, após este momento houve um divórcio onde se distanciaram um do outro, até os dias atuais.

Porém às vezes se esbarram e criam alguns confrontos que geram diversas discussões para o meio artístico.

“No mundo ocidental, com a união do Império Romano ao Cristianismo a Arte esteve fortemente ligada à Religião até poucos séculos atrás. Durante toda a Idade Média, a “Arte Religiosa” tinha o valor de ensinamento e de exaltação dos sentimentos religiosos da Cristandade. Após o período do Renascimento, com todas as mudanças ocorridas nas Ciências e com o surgimento do Estado laico, a Arte desvincilhou-se das “Igrejas Cristãs”, surgindo daí manifestações artísticas desassociadas da Religião” (SALERA JR., 2009)

Sempre fui apaixonada pela arte, principalmente pela arte contemporânea, suas poéticas, seus artistas, suas abordagens e suas vertentes, que nos libertam para a criatividade, possibilitando pensar, criar e formar algo novo. É maravilhoso como é possível trazer em meus trabalhos meus questionamentos, minhas reflexões e críticas, neste caso a mistura de ancestralidade e mortalidade, com um pouco de arte religiosa e arte conceitual.

“A arte é a oração de minha vida”. Uma profissão de fé inteiramente de acordo com Campbell e Moyers (2008), para quem temos de “perseguir nossa bem-aventurança”, encontrar alguma coisa que nos envolve por inteiro e nos encante, mesmo que pareça irremediavelmente antiquada e improdutiva, e dedicar-nos a ela de corpo e alma. (LISBOA, 2009)

Todas as minhas obras possuem significados a elas impregnados, tais como ancestralidade, família, questões religiosas, morte, tecnologias. Neste conjunto consigo trazer várias questões poéticas em meu trabalho que são sensíveis ao olhar, principalmente para mim, trazer à tona coisas do meu cotidiano que são intrínsecas às minhas lembranças e ao meu imaginário.

“Desde os primórdios da humanidade, a história da “Arte” está intimamente ligada às práticas religiosas. E, surpreendentemente essa união “Arte-Religião” pode ser vista até os dias de hoje em todas as culturas, por todo o mundo.” (SALERA JR, 2009).

Todavia tive uma vida escolar e acadêmica complicada por motivos cognitivos, tive muita dificuldade de aprendizado principalmente na minha infância por motivos de saúde provocados por uma parada respiratória ao 6 anos de idade, onde perdi muito do aprendizado que havia adquirido até o momento, e por causa deste fato, desenvolvi a dislexia e o Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Depois do ocorrido desaprendi alguns movimentos, a dicção, a ler e socializar, com

tudo isso tive que me esforçar muito mais do que as outras crianças da mesma idade. Não sabendo o que fazer minha mãe fez uma promessa, na fé que ela poderia me ajudar a superar esse obstáculo na minha vida. Observava minha mãe a orar sempre de joelhos no pé da cama; é muito forte em minhas lembranças essa dedicação fervorosa em busca de um milagre. Independentemente de minha superação tenha sido ou não um milagre, em muitos momentos considero ter tido alguma ajuda divina em minha vida. E por esses e outros motivos sigo essa tradição religiosa que me cerca até os dias atuais.

Minha crença religiosa atual é muito que sou hoje, ela trabalha com Batismo Vicário, o batismo por aqueles que não puderam ser batizados em vida. Não é o objetivo deste texto influenciar nenhuma pessoa à minha própria religião ou a nenhuma outra, mas sim compartilhar desta poética que percorre a minha vida e as minhas emoções e a forma como eu vejo as coisas. Convertendo tudo em arte. Nosso corpo e os reflexos do equilíbrio de nossas emoções e sentimentos se encontram. Uma forma de encontrar a paz almejada. Ainda estou em busca de descobrir, conhecer e saber as histórias e poéticas deste mundo, pois há muito o que ensinar e aprender em todas as relações humanas.

MEU PROCESSO CRIATIVO

O meu processo criativo é muito relativo e instantâneo naquilo que vejo, sinto e interpreto. São momentos que surgem, pensamentos que se transformam em uma forma em arte, processos que tento transformar em alguma forma real e poética essencialmente. “O artista observa o mundo e recolhe aquilo que, por algum motivo, o interessa. Trata-se de um percurso sensível e epistemológico de coleta: o artista recolhe aquilo que de alguma maneira toca sua sensibilidade e porque quer conhecer.” (SALLES, 2006, p. 51).

Sempre tive curiosidade singular sobre as coisas do mundo, seus mistérios cósmicos, o incomum, o sobrenatural, ou seja, tudo o que transcende a normalidade. Pude abstrair essa curiosidade através de várias obras de arte e isso me influenciou

como referência e embasamento para a criação de diversas obras. O meu objetivo é trazer o meu olhar para o universo do outro através da minha poética que foi criada a partir de meus dogmas pessoais. Busco neste mesmo sentido entender os dogmas de outras pessoas que acreditam em alguma crença, doutrina estabelecida, ideologia, ou filosofia de qualquer tipo de organização voltada a alguma forma de elevação espiritual.

Este trabalho de conclusão foi construído a partir de vários processos artísticos que realizei dentro da minha graduação. Busquei encontrar neles uma linha de raciocínio, um conteúdo religioso que se fez presente em uma série de esculturas, gravuras, fotografias, cerâmicas, vídeo e áudio.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO TRABALHO

Todos esses processos foram construídos durante meu percurso dentro do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Desde 2015, venho realizando trabalhos que inconscientemente remetem ao meu convívio e à minha vivência com a crença. Em todos os trabalhos há uma correlação visível, assim, uma relação com aquilo que se pode chamar de Arte Religiosa.

Várias obras surgiram a partir de alguma lembrança pessoal ou com conteúdo religioso que estava velado ou não conseguia perceber até o momento, o que me influencia a ponto de interferir no meu processo de criação. Só consegui perceber isso na análise realizada para a construção da segunda parte desta monografia. Devido a isso eu resolvi voltá-la para o estudo da construção de minhas ideias, relacionando trabalhos anteriores com os atuais. Um processo de autoconhecimento que me propiciou o estudo de minha poética estruturada em torno dos meus processos de criação, que são voltados para meu dogma e minhas crenças, as que eu já vivi e principalmente aquelas que hoje vivo.

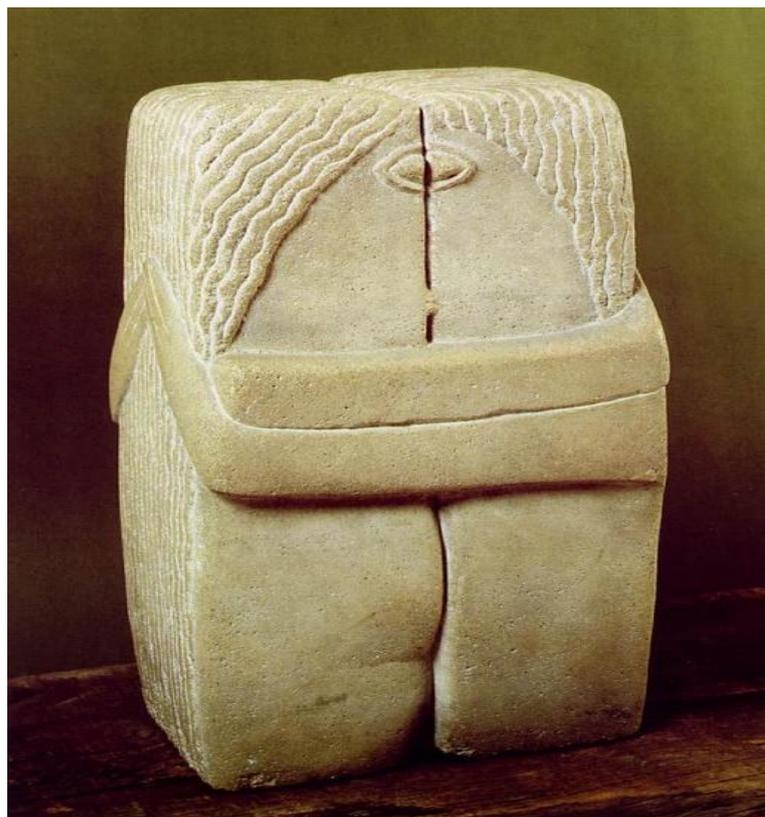
Trabalhos anteriores:

Os trabalhos mostrados a seguir são resultados de projetos realizados durante o percurso de graduação, dentre estes alguns foram expostos junto com a obra final, “Do barro ao pó”.

Obras expostas: escultura “O Beijo” e gravuras “Templo” e “Árvore”

“O Beijo”

É uma escultura em concreto celular com dimensões 28 x 28 x 9 cm, realizada na disciplina regular de Escultura, no ano de 2015. É uma releitura da obra *O Beijo* do artista Constantin Brancusi, feita na busca de estudar técnicas de tridimensional. A obra de Brancusi tomada como referencial é um entalhe em pedra, onde dois amantes se beijam, contudo, essa obra oferece outras interpretações visto que podem representar uma única pessoa.



Constantin Brancusi. *O Beijo*, 1907-08, 28cm altura. Romênia



Dandara Buzzatto. *O beijo*, 2015, concreto celular. Uberlândia, MG

Ao fazer minha releitura, nela percebi várias relações religiosas, como o beijo de Judas, Adão e Eva, Lúcifer e Lilith, etc. Além da cerimônia de união entre um casal que em diversas religiões sela-se com um beijo, demonstrando o amor e o afeto.

“Templo”



Dandara Buzzatto. Templo, 2016, gravura em metal (ponta-seca). Uberlândia, MG



Dandara Buzzatto. Templo, 2016, gravura em metal (Água forte). Uberlândia, MG



Dandara Buzzatto. Templo, 2016, gravura em metal (água-forte e água-tinta). Uberlândia, MG

São três gravuras em metal, com a mesma imagem trabalhada em três técnicas diferentes, impressas em papel de 300 gramas. Foram realizadas na disciplina regular de Gravura em Metal, com dimensões A4 no ano de 2016, a

primeira imagem em ponta seca, a segunda água-forte, a terceira água-forte e água-tinta. Trazem a lembrança do sagrado, lugar santo, puro imaculado, casa de Deus.

A figura representada possui uma relação pessoal, uma representação do templo de Salt Lake City, capital de Utah, EUA. Um lugar físico e santo, onde são realizados trabalhos vicários pelos mortos e ordenanças sagradas. Uma das maiores referências dentro da minha crença atual.



Dandara Buzzatto. Árvore, 2015, gravura em linóleo. Uberlândia, MG

“Árvore”

Foi uma gravura em linóleo, feita no papel de seda tamanho A4, realizada na disciplina de Xilogravura, no ano de 2015. A figura remete à “árvore do conhecimento”, à “árvore da vida”, à árvore Yggdrasil (sagrada para os nórdicos), até mesmo a árvores às quais fora atribuído status de sagrado como as oliveiras, o carvalho, a figueira e os baobás. A obra me remete também a questão sobre suas raízes que não enxergamos e nem podemos determinar a sua profundidade, sua idade, e experiências e necessidades. Relaciono com cada indivíduo pois não conseguimos verificar a total influência de nossas “raízes” em nossas vidas, e essa influência não é visível, todavia sem dúvidas existe.

Estudos escultóricos “Caminhantes”, “Reflexo de Cristo” e um certo vaso

Meu trabalho principal de conclusão de curso foram duas instalações. A primeira consiste nos restos de um vaso quebrado colocados dentro de um caixão de vidro, e a segunda uma sequência de áudios gravados por mim entrevistando dona Maria, minha avó. Mas os outros processos anteriores estiveram um papel fundamental neste processo de análise.

No princípio este era o esboço do meu trabalho principal, um estudo de uma série de esculturas lembrando a forma humana. foi nomeado como os “*Caminhantes*”.



Dandara Buzzatto. *Caminhantes*, 2018, escultura em papel, argila, plástico, madeira e ferro. Uberlândia, MG

Este projeto começou com o estudo de cinco materiais, que desenvolvi no Ateliê de Escultura, junto com o professor Fábio Purper. Estas pequenas experiências de escultura constituem uma sequência de seis peças de materiais diferentes: Madeira (MDF), papel (Paraná), ferro, argila e plástico. Com dimensões em torno de 30cm x 15 cm, buscando um senso de movimento, juntando essas peças criava uma caminhada de seis passos. O esboço do caminhante simula um movimento em linha reta, juntando as seis peças vemos uma caminhada de passos largos e de movimentos dos braços ao andar. Todo esse processo serviu para compreender os materiais, as técnicas e formas de moldar o material, com o objetivo de futuramente experimentar em dimensões maiores.

No entanto eu sentia que necessitava ir além dos *Caminhantes*, tentando elevar uma nova forma para o meu trabalho, criando uma representação de Cristo. Transformado, o projeto se voltou a uma figura central das religiões cristãs, conhecido mundialmente como o salvador do mundo.

A ideia então passou a ser construir, com uma placa de ferro, uma escultura que nomeei *O Reflexo De Cristo*. Organizando referências adquiridas durante minha existência, para criação da minha obra, escolhi este referencial que sempre tive acesso, sobre o qual aprendi desde minha infância e em todos os momentos subsequentes que passei na influência dele. Esta figura foi influente na minha vida e nas minhas ações, não poderia deixar de notar sua influência sobre meu trabalho e sua importância em minha obra.

Encontrei algumas referências modernas e contemporâneas como José Resende, nascido em São Paulo, 2 de janeiro de 1945, escultor brasileiro que realizou diversas exposições de ferro e participou de várias bienais pelo mundo. Outro artista que encontrei com um grande referencial para o meu projeto foi William King, escultor de várias peças feitas com placas de ferro. No referencial de imagens para criar meu cristo estava também o já citado Christus, de Bertel Thorvaldsen.

A versão final da escultura *Reflexo de Cristo* também não foi executada. Ela foi projetada para ser construída em uma placa de ferro ou outro material que pudesse espelhar o ambiente ao redor, no intuito de remeter à lembrança do homem e o seu reflexo. “Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e o homem retribuiu a gentileza” (PASCAL, 1623-1662). Realizei diversos estudos em isopor, papelão, chapa de alumínio, e um em arame, papel, madeira e gesso. Todos me ajudaram a projetar essa imagem que reformulei diversas vezes na minha imaginação, e este processo teve forte impacto na minha vida como artista, no decorrer do estudo para uma futura montagem de uma figura com material nunca utilizado por mim como artista. Mas mesmo assim ainda sentia a necessidade de abstrair ainda mais esta crença.

Ao mesmo tempo em que projetava a escultura do Cristo, comecei a fazer um vaso de cerâmica dentro da disciplina Ateliê de Cerâmica em 2018. Com 1,20m de altura e 60cm de largura, este vaso partiu de uma necessidade de entender o que estava ocorrendo no meu processo de criação. Em sua superfície tinha a intenção de criar desenhos contando histórias antigas, algumas religiosas, outras histórias pessoais minhas, mas o projeto se transformou bruscamente, me revelando coisas que ainda não havia podia observar até então.



Dandara Buzzatto. Processo de modelagem de vaso de cerâmica, 2018. Uberlândia, MG

Este vaso seria colocado na mesma exposição realizada, demonstrando outro tipo de abordagem, mas com a mesma proposta que venho realizando. No entanto, durante o processo de secagem, ele foi levado para um forno, e foi aí que tive a surpresa, ele se quebrou. E com isso o projeto do TCC se desmontou mais uma vez.



REFERENCIAIS EM OUTROS VASOS QUEBRADOS

A seguir descrevo alguns processos artísticos que podem ser percebidos como referenciais para os rumos que minha poética tomou nesta etapa final de graduação.



Yee Sookyung. *Vasos Traduzidos*, 2010. Sucata cerâmica, epóxi, folha de ouro 24k. 56 cm. Museu Nacional da Coreia.

Vasos quebrados são ressignificados pela artista coreana Yee Sookyung, em uma técnica que remete ao Kintsugi, arte japonesa do reparo de cerâmica com ouro. Essa técnica torna o objeto mais único e valioso por ter sido quebrado e colado com um metal precioso.

A artista Yee Sookyung, utilizando massa epóxi e folhas de ouro, trabalha com a estética dessa técnica de cinco séculos de idade para transformar vasos de cerâmica destruídos. É um novo olhar, uma nova forma, mas não do mesmo modo que os utilizadores originais da técnica dariam, pois ela não busca somente “colar” os vasos, mas sim transformá-lo em outros objetos. De maneira similar, busquei dar um novo significado aos cacos do meu vaso que se quebrou. Como será mostrado

no capítulo a seguir, há uma diferença de estilos, pois Yee Sookyoung utiliza-se do vaso quebrado, contudo junta as partes para criar uma nova forma, e eu, por outro lado, dei um novo significado para ele sem querer juntar os cacos ou realizar a sua transformação. Enquanto ela une os cacos formando uma nova imagem, eu deixo eles quebrados para me lembrar o seu significado, e também gerar no meu espectador uma noção de que a obra está se desfazendo com o tempo, virando pó, o mesmo pó que tirei da terra, está voltando para ela. A utilização do ouro é algo magnifico totalmente fora de minhas condições socioeconômicas, mas também realizo a inserção de novos materiais, um caixão de vidro e uma base da obra de madeira da mesma cor do barro. Ao fim a grande questão é que não queria desistir e jogar fora os cacos do vaso, mas era impossível remendar sem deformar, então escolhi seguir de outro caminho.

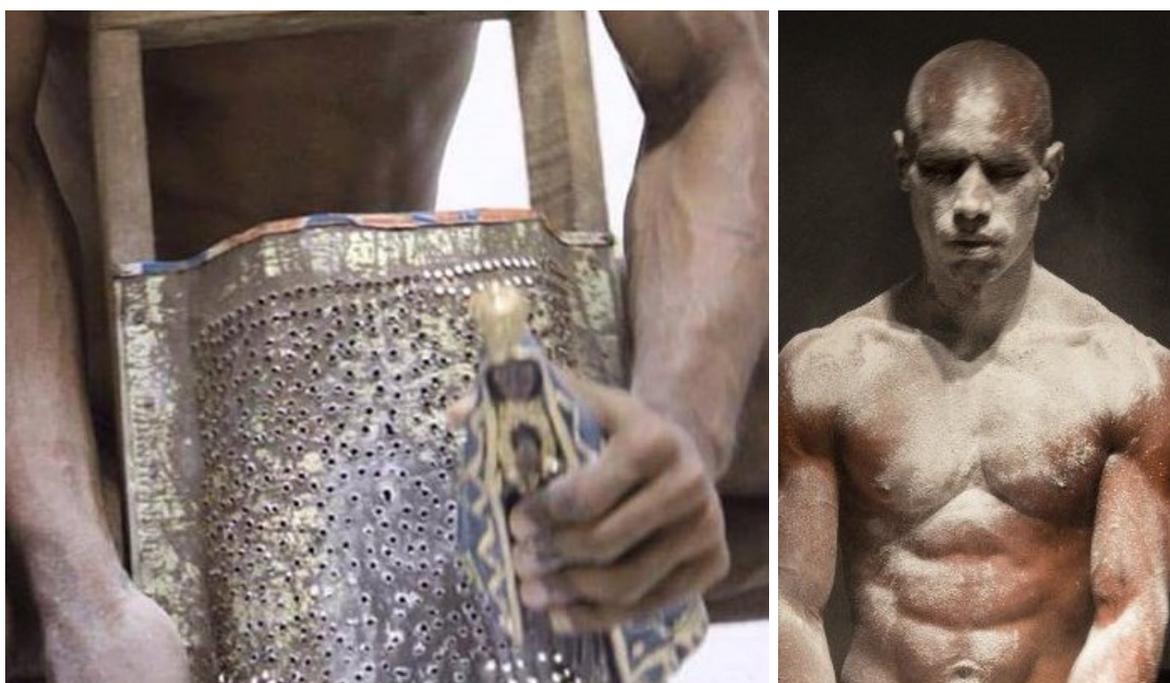


Ai Weiwei. *Derrubando uma Urna da Dinastia Han*, 1995. Fonte: www.guggenheim.org/arts-curriculum/topic/ai-weiwei

Já um vaso cerimonial de dois mil anos de idade, ao ser derrubado pelo artista chinês Ai Weiwei, deixa de ser um objeto de patrimônio e culto e passa a figurar nas páginas da história como uma declaração sobre as artes, sobre valores, sobre tradição e poder.

Weiwei escolheu quebrar algo precioso para uma tradição e dizer algo com isso, já eu considero que se quebrou algo em mim, e o resultado já diz algo em si. O que se quebrou foi o meu processo, minha visão ou, como poderia dizer, meu

pensamento, a forma de enxergar além daquilo que estava em minhas mãos e transformá-las e dá-las um ressignificado que se autossustenta e se explica por si mesma. O processo que talvez considere mais bonito foi demonstrar como foi a transformação de ambos, porque as duas partes tiveram suas mudanças, falo de mim e da minha obra. Não conseguimos nos desligar uma da outra porque uma foi a consequência da outra. Este resultado se remeteu em uma nova forma de se quebrar e se reconstruir.



Antônio Obá. *Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo*. Performance, 2017. Fonte: miguelarcanjo.blogosfera.uol.com.br

O Pó de gesso resultante do processo em que uma imagem de devoção é ralada pelo artista brasileiro Antônio Obá se torna a unção de um tipo de batismo em sua performance "Atos da Transfiguração: Desaparição ou Receita para Fazer um Santo":

um pó branco com o qual cobre seu corpo, negro e nu, para produzir, de acordo com o artista, novos significados, que criticam o racismo velado da sociedade brasileira e remetem às tradições das religiões de matriz africana (PRADO, 2017).

Enquanto o ritual de Obá remete ao batismo cristão, o ritual que vim a estabelecer, a partir do pó de minha cerâmica, remete ao velório, à morte. Ambos são pontos decisivos de um mesmo ciclo, um ciclo sem fim pois todos já fomos pó e barro e voltaremos a ser pó. Pó este que um dia voltará a ser barro, pois como dito e comprovado por Antoine Lavoisier em 1777, “Nada se cria, tudo se transforma” – o que podemos é participar desse processo de criação. O batismo cristão também representa a morte, mas a morte de um ser que quer se reinventar e se tornar melhor do que hoje é.

O pó de minha cerâmica também é em parte eu, foi o meu tempo, parte de minha vida. Senti que não poderia descartar pois seria eu descartando a mim, assim como Obá ao se cobrir de pó relaciona a si com seu processo de criação, ele se torna parte da obra. A morte é vista como o grande inimigo da vida pois é um fim, contudo podemos ressignificar como eu ressignifiquei a morte do meu vaso. Acredito que ele seria lindo, mas focar no que seria, e não no que é, representaria um retrocesso.

“DO BARRO AO PÓ”



A obra que encerra este trabalho de graduação me proporcionou experiências que envolveram toda a poética, a temática e os processos que discuti e modelei nos últimos 2 anos. A quebra do grande vaso para o qual havia dedicado todo um semestre foi impactante para mim. Foi a partir deste ponto que senti que precisaria utilizar a situação ao meu favor e transformar não só a minha obra, mas também meu modo de pensar e remeter àquilo que estava interno e/ou velado.



Dandara Buzzatto. Restos de vaso de cerâmica quebrado, 2019. Uberlândia, MG

Neste processo de autoconhecimento doloroso de superação, junto com o meu orientador, pude olhar com outros olhos o caminho que poderia recorrer para chegar no meu objetivo que era demonstrar no meu processo aquilo que acredito e vivo e transformo. Os cacos resultantes da quebra do vaso foram então colocados em parte dentro de um cubo de vidro transparente. O resto que virou pó foi colocada em cima do cubo, separando alma do corpo. Esta instalação foi projetada para ocupar um espaço expositivo posicionada mais ou menos no centro de uma sala.

A obra “*Do Barro ao Pó*” tem como elementos compositivos os restos do vaso dentro e sobre a caixa de vidro e o áudio que nomeei “*Canções*”, gravado com a voz de minha avó paterna de 87 anos. Estes trazem significados em si e com sua associação, pois a voz já cansada e senhoril e um amontoado de cacos de barro vêm a se relacionar com fim, com a morte. A “presença” que é notada é a de morte, o fim, o vazio da perda.

A ideia de presença chama atenção para a vida dos objetos, que são capazes de agir e de suscitar sentimentos e emoções, de trazer de volta um passado perdido, de indicar valores culturais, de permitir a realização de rituais e de satisfazer necessidades pessoais e coletivas (HIGUET, 2019, p. 240).

Partindo-se deste conceito de presença de Keith Moxey (apud HIGUET, 2019), seria possível dizer que, diferentemente de processos anteriores, onde trabalhava com representações de cunho religioso, neste momento as sensações religiosas aparecem muito mais como presença sentida do que como símbolo comunicado.

Há uma intencionalidade e uma vida peculiar nos objetos, que nos levam a dar tanta atenção aos efeitos de presença quanto aos efeitos de significado. O mundo é ser existente antes de ser constituído por um sistema de signos (HIGUET, 2019, p. 199)

Quando eu viajei para ver minha avó estava um pouco perdida em meu processo e extremamente cansada. Senti a necessidade de voltar as minhas raízes e buscar me encontrar em uma de minhas fontes de cultura e tradição. Todas as minhas viagens a Campo Florido são repletas de memórias e sentimentos, sinto-me profundamente conectada àquela terra. Grande parte de minha vida passou-se ali, principalmente a minha infância.

A viagem ocorreu no feriado de Corpus Christi de 2019, um feriado religioso, mas o motivo de sua escolha não foi este, e sim a urgência de gravar a minha avó cantando. Ao chegar na cidade de Campo Florido havia na praça central daquela pequena cidade a confecção de tapetes de Corpus Christi nas ruas ao redor da praça, tapetes feitos de serragem tingida e outros pós coloridos. Aquele momento já foi o início de minha conexão com o passado. Dirigi-me à zona rural, pois, mesmo idosa, minha avó ainda reside no campo, na mesma casa que habitei em minha infância, com um pé de jambolão na frente hoje muito maior do que quando era minha casa da árvore. Escolhi retirá-la daquela casa para gravar, pois lá habitam muitas pessoas que poderiam distraí-la, levei minha avó para atual casa do meu pai. Em um quarto, estando só nós duas, expliquei o que seria feito, pedi a autorização dela para isso e quando eu ia pedir para ela começar a cantar, ela já estava cantando. Mas devido à sua idade, após algumas músicas ela se sentiu cansada; então aproveitei o momento para, de modo bem simples e sem me apresentar no áudio, solicitar que ela me contasse algumas de suas histórias. Devido à distância de nossas moradas e compromissos que minha avó tinha eu tinha pouco tempo, não podia errar e sinceramente não queria que parecesse artificial ou ensaiado. Contudo, o resultado da gravação foi espontâneo, satisfatório do ponto de vista técnico e esplêndido do ponto de vista de conteúdo.



Dandara Buzzatto. *Do barro ao pó*, Instalação, Dimensões: 50 x50 cm. 2019. Uberlândia, MG

A segunda parte da obra é composta por fones de ouvido com cinco áudios diferentes, contados pela mesma pessoa, também minha avó. Os áudios foram gravados na casa de meu pai em uma viagem que fiz até a região onde minha família paterna habita, um assentamento no município de Campo Florido-MG. Eu gravei com um celular e um fone de ouvido por cerca de 1 hora e 47 minutos a

minha avó, o meu objetivo inicial era gravar somente suas canções mas com o decorrer da gravação ela cansou de cantar e aproveitei o momento para a deixar livre para contar duas histórias com pequenas interversões que através de edição não se apresentam nos áudios. Considerei o áudio grande demais para ser utilizado em sua totalidade, devido a isso editei e fracionei para uma melhor apreciação junto as outras obras. Gravações imensamente ricas, cheias de detalhes, e muitas emoções, que remetem ao seu eu mais profundo, lembranças que muitas das vezes são difíceis de tentar entender, principalmente para aqueles que não passaram por tais situações, lembranças capturadas em áudios verdadeiramente simples e sinceros. Mensagens do seu passado que é meu presente, não deixando jamais de lembrar dessa minha ancestralidade. Com a idade avançada de minha avó, tenho nela uma fonte de sabedoria, especialmente ao ouvir suas histórias mais marcantes, relacionadas com a mortalidade. Os áudios refletem a jornada dela nessa Terra e eu sei que tenho a oportunidade de ainda aprender muito com ela. Toda esta observação me ajudou a entender ainda mais profundamente as implicações conceituais que adentraram minha obra, e sua transformação desde os caminhantes



Dandara Buzzatto. *Canções*, Instalação sonora, 2019. Uberlândia, MG

até o ultimo caco de argila que foi colocado na caixa de vidro.

Ao relacionar as duas instalações, consegui criar uma narração ainda mais forte com a gravação do filho que se perdeu, no áudio *Meu filho perdido*. Pois o vaso foi como um filho para mim, que criei, moldei, ajudei a crescer. E observar ele morrer, e ser obrigada a recolher os seus restos que foram jogados fora, igual o filho perdido ainda bebê da minha avó, que teve que comprar os próprios pregos para fazer o caixão. E não pude deixar de criar o caixão do meu filho de barro. Muitas das vezes são estes cacos que sobram nas

memórias, mesmo com o passar do tempo ainda são preciosas e duras, e determinaram o caminho que ela seguiu.



Dandara Buzzatto. *Memorias poéticas*, Instalação sonora, 2019. Uberlândia, MG

O áudio que nomeei *Conto dos escravos* mistura fatos que foram narrados a ela e fatos que historicamente são discutíveis, todavia essa é a verdade que ela acredita. Algo que está dentro dela como dentro de todos nós.

Outro áudio é o *Milagre da Bastiana*, a filha chamada Sebastiana, conhecida por todos como Tiana. Como a preservação da vida de um filho não seria indiscutivelmente um milagre? Mesmo que aqueles que compreendem as técnicas de desobstrução de vias aéreas de uma criança possam não encontrar sentido de milagre, para ela foi visto que ela estava “pesadona da Bastiana” quando ocorreram os fatos do áudio *Meu filho perdido*. Mesmo sendo mãe de todo um clã, de uma grande família, sempre haverá espaço guardado em seu coração para dor. A junção das temáticas no áudio *Devoção* relata parte de suas crenças e parte do seu modo de adorar através das músicas cantadas ao seu modo, e com algumas imperfeições

técnicas que não tiram a sua beleza, e certamente aumentam a sua originalidade. O áudio *Canções*, que se tornou o som ambiente da exposição, ecoa de modo infinito como a lembrança daqueles que em algum momento amamos. Mesmo os que já não são um grande vaso de barro, mesmo aqueles que já se tornaram pó.

A exposição "DO BARRO AO PÓ" remete a questões de uma poética que mistura religiosidade, ancestralidade e mortalidade, em um contexto artístico conceitual. A artista Dandara Buzzatto traz em seu trabalho um olhar artístico dedicado a estas questões, exercitando-o nos âmbitos do sensível, do reflexivo e do crítico. Seu pensar transcendental é voltado para seu dogma, sua ancestralidade, sua crença, porém esta, em vez de se apresentar de modo fingido ou ensaiado, parte de si, de experiências pessoais, cotidianas, intrínsecas a suas lembranças e ao seu imaginário, e aqui trazidas à tona.

Imagem do texto curatorial da exposição *Do Barro ao Pó*, 2019. Uberlândia, MG

A exposição *Do Barro ao Pó* foi apresentada na sala 149 do Bloco 11 da Universidade Federal de Uberlândia Campus Santa Mônica. A exposição é obrigatória para TCCs do curso de Artes Visuais, mas a experiência foi muito além de uma simples montagem. Foi quando vi realmente o trabalho pronto e montado em um espaço que primeiramente não foi planejado para este fim (mas que foi enriquecedor para o meu aprendizado e construção do meu conceito poético), foi naquele instante que percebi o que o meu trabalho se tornou. O impacto que a obra traz, os conceitos ardentes que se revelam nas obras, principalmente na obra principal da exposição que são os áudios mais a *Do Barro ao pó*.



Maquetes digitais da exposição *Do Barro ao Pó*, 2019. Uberlândia, MG.

Uma maquete foi feita com o objetivo de visualizar e planejar como seria a exposição, além é claro poder observar e avaliar como poderia organizar as obras, avaliando seus possíveis lugares. Criaria assim uma possibilidade de visualizar como seria a exposição pronta. Mas entre uma proposta de montagem digital e uma execução real há divergências, a primeira grande diferença é o tempo de criação a primeira sendo feita em 2 horas e a outra em dois dias. Para a execução real houve

algumas limitações do espaço, dificultando a realização de algumas propostas que haviam sido planejadas, como por exemplo a utilização de lâmpadas dentro ou junto da caixa de vidro, que estaria em um local escuro ou parcialmente iluminado, contudo não havia o pleno controle da iluminação da referida sala. Como foi um espaço cedido pela UFU, não poderia modificar a estrutura da sala e me restava somente me adaptar a sala. Por esses motivos modifiquei a estrutura planejada para a montagem da exposição, alterando o local de algumas obras.



Dandara Buzzatto. A série de gravuras em metal *Templo*, na exposição *Do Barro ao Pó*, 2019. Uberlândia, MG.

Trabalhar em toda essa montagem da exposição e vê-la sendo construída fez com que gradativamente fosse crescendo a certeza de que os objetivos foram alcançados, mas não somente isso, ao final da montagem tive a certeza de que os meus objetivos foram ultrapassados em relação as expectativas iniciais. Os sentimentos envolvidos, a energia do ambiente se mostrou mais forte e se revelou ainda mais evidente toda aquela poética que descobria e na qual me perdia no planejamento e criação das obras. Montar e demonstrar todo este processo foi lindo,

uma superação pessoal e profissional, que ao ver pronta me satisfez e me surpreendeu, me revelando coisas e detalhes que somente percebi ao montar a exposição e ao vê-la pronta.



Foto da abertura da exposição *Do Barro ao Pó*, 2019. Uberlândia, MG.



Dandara Buzzatto. *Do Barro ao Pó*, abertura da exposição *Do Barro ao Pó*, 2019. Uberlândia, MG.





Fotos da abertura da exposição *Do Barro ao Pó*, 2019. Uberlândia, MG.

Tenho o desejo de expor este mesmo trabalho em outros espaços para ampliar alguns questionamentos propostos e lembrar que não é somente eu que possuo lembranças do meu passado advindo de uma origem humilde, simples e rural: esta foi a realidade brasileira até uns 40 anos atrás, visto que a maior parte da população habitava o campo e aqueles que não habitavam possuíam com ele uma ligação de proximidade maior que hoje. Ajudar a reavivar tais lembranças nos espectadores, lembranças do passado que algumas vezes estão esquecidas por motivos desconhecidos. Convidar o espectador para, ao se conectar com o passado, conectar-se consigo mesmo.

A oportunidade de reexpor o trabalho traria a oportunidade de aprimorá-lo ou ao menos poderia experimentar uma nova maneira de abordá-lo. Desse modo tenho o desejo de expor futuramente o trabalho numa sala vazia, talvez menor, com uma luz focada e a fonte do áudio das canções menos evidente. Talvez até sem o próprio caixão de vidro, deixando os cacos de barro espalhados pela sala. Ao reavaliar a exposição tenho agora a consciência que este mesmo trabalho me possibilita diversas linhas de pensamento e a aplicação e exposição de diversos conceitos visuais.

CONSIDERAÇÕES

Durante o processo de construção do meu TCC, visualizei e realizei vários projetos diferentes para chegar na base para a construção do trabalho final. esse processo durou dois anos, começando pelos *Caminhantes* e foi se transformando até passar pelo trabalho que chamava *O Reflexo De Cristo*. A relação entre as duas ideias foi se transformando através da forma que foram criadas a partir dos caminhantes que construí, em um processo de busca através do equilíbrio, o espelhamento de si próprio, e a relação do movimento ou a representação do mesmo.

Tudo isto se encaminhando ao rumo para a modelagem de um vaso de cerâmica em cuja superfície tinha planejado contar histórias. Depois dele finalizado, entretanto, não estava contando com a perda total da forma pretendida para o trabalho. Mas, como dizem, “há males que vem para o bem”, e confesso que a perda desse trabalho me fez refletir muito a respeito do meu trabalho e do meu processo como artista.

Tento trazer referências a aquilo que acredito em pequenos detalhes da minha obra. Ela se transformou a tal ponto que precisei deixá-la ainda mais livre para diversas possibilidades de interpretação, para me ajudar a chegar neste estuor de pensamento, em que muitas vezes me faltam palavras para explicar algo que nem sempre sei dizer o que seria.

Durante todo o processo, encontrei vários momentos de frustração, pensamentos de desistência e muito mais, além de todos esses sentimentos eu sentia medo do próprio material que tanto queria trabalhar. Fosse esse material o ferro inicialmente planejado, fossem os restos do vaso perdido, os áudios contendo as memórias, a devoção e as vivências confiadas por minha avó. No princípio encontrava certo receio de não conseguir manipular seus signos, que ele pudesse ser mais forte do que eu, me machucar de alguma forma.

Estava trabalhando com ênfase num sentido puro de arte religiosa, fazendo um entrelaçamento entre minhas graças de vida e adoração dentro da minha própria criação. Tudo resultou em um grande trabalho de conclusão de curso, um ciclo que termina em minha vida, e minha obra. Talvez possa me reinventar de novo e assim criar um novo ciclo, porque nossas vidas são um eterno ciclo que sempre recomeça, mas acaba do mesmo modo para todos. Segundo a doutrina que vivo, este foi o desejo do criador. Creio ter conseguido realizar um trabalho que considero bom. Durante o processo percebi algumas recompensas. Além de todas as atribuições eu adoro o que estou fazendo, me descobrindo como artista e como pessoa. Essa é a verdade que levo junto comigo e compartilho com as pessoas ao meu redor.

BIBLIOGRAFIA

- Antônio Obá, Carbonogaleria, São Paulo, SP. 2013. Disponível em: <https://carbonogaleria.com.br/obra/serie-lapidario-continental-i-e-ii-obolo-e-minha-boca-e-um-tumulo-578> . Acesso em: 02. Dez. 2019.
- Arte Sacra. Portal São Francisco. Disponível em <http://portalsaofrancisco.com.br/arte/arte-sacra>. Acesso: 15 .Dez. 2019
- Bertel Thorvaldsen. Thorvaldsen Museum. Copenhagen. Disponível em: www.thorvaldsensmuseum.dk/en/museum/bertel-thorvaldsen, acesso em: 10.jul. 2018.
- Blaise Pascal, KD Frases. Disponível em: <https://kdfrases.com/frase/94467>. Acesso em: 05. Out. 2018.
- Christus (statue). Wikipedia, 2019 Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Christus_\(statue\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Christus_(statue)). Acesso em: 11. Ago. 2018
- DUNAEVA, Cristina Antonioevna. Um santo popular, a arte contemporânea e a crítica das dicotomias estruturantes. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, Unicamp, 2016. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/2_cristina%20dunaeva.pdf, acesso em 22.agosto.2018.
- FARTHING; STEPHEN,C; RICHARD. Tudo sobre arte- Os Movimentos E As Obras Mais Importantes De Todos Os Tempos. Editora Sentante, 2019.
- FREIRE, Cristina. Poéticas do Processo : Arte Conceitual no Museu Editora: Iluminuras, 1999.
- Festa de Santos Reis: tempo de romper o isolamento e celebrar a amizade, o encontro e a fé. Arquidiocese de Uberaba. Disponível em <https://arquidiocesedeuberaba.org.br/noticias/festa-de-santos-reis-tempo-de-romper-o-isolamento-e-celebrar-amizade-o-encontro-e-fe/> Acesso em 07.dez.2019.
- HIGUET, Etienne Alfred. Contribuição dos estudos de cultura visual para as Ciências da Religião. In: SILVEIRA, Emerson José Sena da (org.). Como estudar as religiões, Metodologias e estratégias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- Historia da escultura. Point da Arte, 2011. Disponível em: <http://pointdaarte.webnode.com.br/news/a-historia-da-escultura/>. Acesso em: 27. Jul. 2019.
- José Resende. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8972/jose-resende>, acesso em: 13.jun. 2018.
- José Resende. Escritório de Arte.com, São Paulo SP 1995. Disponível em: www.escriitoriodearte.com/artista/jose-resende. Acesso em: 18. Nov. 2018.
- LISBOA, Ana. Aspectos da Subjetividade Religiosa na Arte Contemporânea. 18º Encontro da ANPAP. Salvador, Ba. 2009.
- PRADO, Miguel Arcanjo. Nu, Antonio Obá faz performance com N. S. Aparecida e concorre a prêmio de R\$ 130 mil. miguelarcanjo.blogosfera.uol.com.br/2017/07/20/nu-artista-antonio-

oba-faz-performance-com-nossa-senhora-aparecida-e-concorre-a-premio-de-130-mil/
Acesso em: 15 .Dez. 2019

O Espectro Diverso. 600 Anos de Cerâmica Coreana. Museu Nacional da Coréia, 2012.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Edição 24. Editora vozes, 2002.

SALERA JR, Giovanni. Arte e Religião. Recanto das Letras. Gurupi, 2009. Disponível em www.recantodasletras.com.br/ensaios/1713425. Acesso em: 07.dez.2019.

SALLES, Cecilia Almeida. Redes da Criação. Construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SHUSTERMAN, R. Arte e Religião, Tradução de Inês Lacerda Araújo. Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-Americana, Ano 3, Número 3, 2012. Disponível em: https://issuu.com/redescricoes/docs/ano3_03. Acesso em: 22. Nov. 2019.

Simone Martins, Angelus Novus de Paul Klee, História das Artes, 2019. Disponível em: www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/angelus-novus-paul-kee/. Acesso em: 07 .dez. de 2019.